

Imunidade só três semanas após a segunda dose

Vacina não é 100% eficaz e haverá sempre casos de infeção entre as pessoas inoculadas

Ana Gaspar
agaspar@jn.pt

PERITOS Não é por se ter tomado uma dose da vacina, ou até as duas, que se fica imune à covid-19 e o recente aumento de casos entre pessoas inoculadas é prova deste facto. Especialistas ouvidos pelo JN recordam que as vacinas não são 100% eficazes e que a resposta imunitária destas só atinge o seu pleno duas a três semanas após a imunização com duas doses (se for esse o caso). Ainda assim, pode não evitar que as pessoas contraíam a infeção.

Carlos Penha-Gonçalves, investigador do Instituto Gulbenkian de Ciência, explica que o fenómeno está mais visível porque “a transmissão no país começa a aumentar”.

5% DE NÃO PROTEGIDOS

“Quando nós dizemos que as vacinas dão 95% de proteção quer dizer que há 5% das pessoas que não ficam protegidas. É uma proteção muito alta, mas não é absoluta. Mas se a gente vacinar 100 mil, são cinco mil que podem ficar doentes”.

Menor proteção têm aqueles que ainda só receberam uma toma. “Há um período de fragilidade, entre a primeira e a segunda dose, que as pessoas não respeitam. A proteção máxima a nível individual é atingida duas ou três semanas após a segunda dose”.

No entanto, o que está a acontecer em Portugal e em outros países, é que as pessoas, ao tomarem a primeira dose “ficam psicologicamente convencidas que já estão protegidas”.

Por isso é que, mesmo após a vacina, é recomendado que se mantenham as regras de segurança. Pois, além de se poder ficar infetado e adoecer, quem está vacinado pode continuar a transmitir o SARS-CoV-2.

“Se nós quisermos diminuir os casos de infeção, vacinar não é suficiente. Porque vacinar protege sobretudo de hospitalizações e de morte. Não são tão protetoras da infeção em si mesmo”, frisa.

IDOSOS MAIS FRÁGEIS

Quanto aos recentes casos de surtos e mortes em lares de idosos, o especialista explica que “conforme as pessoas envelhecem, o sistema imunitário vai ficando menos reativo”.

Luís Graça, do Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes, sublinha que “mesmo as infeções que têm ocorrido nos lares, na sua maioria, mostram que as pessoas estão protegidas”. São infeções que não resultam habitualmente em morte ou em doença grave e internamento, ao contrário do que acontecia quando as pessoas não estavam vacinadas”.

Sobre a duração da imunidade, o investigador, que integra a Comissão Técnica de Vacinação, considera ser mais provável que as pessoas com problemas do sistema imunitário percam a proteção vacinal mais cedo. Porém, até agora, “não há nenhuma evidência sobre o momento em que a proteção que é conferida pelas vacinas desça o suficiente para fazer com que as pessoas fiquem suscetíveis à infeção”. ●



Luís Graça, do IMM

Area: 24.5cm² / 22%

Tiragem: 66.504

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7166035